

Cuba nunca ficou de braços cruzados

Image not found or type unknown



Foto: Alejandro Azcuy

(Versões estenográficas — Presidência da República)

Ignacio Ramonet: Presidente, antes de mais nada, gostaria de agradecer-lhe muito pela gentileza de nos conceder esta entrevista.

Esta será uma entrevista com cerca de dez perguntas que vamos dividir em três blocos: um bloco dedicado à política interna, à situação interna de Cuba; um segundo bloco sobre a economia, essencialmente a economia de Cuba, obviamente; e um terceiro bloco sobre a política internacional. A primeira pergunta sobre política interna é a seguinte:

Para muitas famílias em Cuba, nos últimos dois ou três anos, a vida cotidiana tornou-se particularmente difícil: há escassez de alimentos, há inflação, há escassez de serviços públicos. O bloqueio econômico, comercial e financeiro imposto ilegalmente pelos Estados Unidos já existia, e o que eu gostaria de lhe perguntar é o que aconteceu nos últimos tempos para que as coisas tenham se deteriorado de tal maneira.

Miguel M. Díaz-Canel: Bem, Ramonet, em primeiro lugar, agradeço-lhe por nos dar a oportunidade de conversar com você, é sempre muito interessante poder compartilhar pontos de vista com você e também ouvir seus comentários sobre essas questões. E você me fez uma pergunta muito interessante, porque muitas pessoas perguntam por que, se há um bloqueio há tanto tempo, o que distingue o bloqueio atual?

Acho que temos de partir do fato de que, em primeiro lugar, hoje o bloqueio tem uma característica qualitativamente diferente; hoje estamos falando de um bloqueio reforçado e, além disso, esse reforço é apoiado por outro componente, que é a inclusão de Cuba em uma lista espúria que o governo dos Estados Unidos determina a seu bel-prazer de países que supostamente apoiam o terrorismo. Acima de tudo, vou fazer uma comparação que considero a melhor maneira de ilustrar o que mudou de um momento para o outro, se compararmos como era a vida dos cubanos até 2019 ou até o segundo semestre de 2019, e como tem sido a vida depois do segundo semestre de 2019, que é o que também enquadra ou diferencia esses dois momentos.

Em primeiro lugar, somos um país que sofre há mais de sessenta anos as limitações e adversidades que nos impõe o bloqueio, um bloqueio ilegal, injusto, anacrônico como política e, sobretudo, sobrecarregado pela perspectiva arrogante do governo dos Estados Unidos.

Cuba nunca ficou de braços cruzados e desenvolvemos uma capacidade de resistência. Eu diria até, depois das experiências que tivemos na COVID-19, que é uma resistência criativa, porque o país não só foi capaz de resistir ao ataque do bloqueio, mas nessas condições o país avançou, contribuiu, cresceu como nação e, além disso, se desenvolveu; em outras palavras, não está apenas resistindo sozinho e não fazendo mais nada.

Sob todos esses conceitos e todas as estratégias que a Revolução teve, conseguimos manter um certo nível de atividade econômica, de exportações, de apoio a programas sociais com alto impacto em nossa população, e vivemos, embora nossos sonhos tenham sido interrompidos ou todas as nossas aspirações tenham sido retardadas, precisamente por causa dos efeitos do bloqueio, que eu lhes digo

categoricamente que é a causa que mais retarda nosso desenvolvimento econômico. E eu sempre digo: se conseguimos fazer tantas coisas enquanto estávamos bloqueados, o que não teríamos conseguido fazer sem estarmos bloqueados; mas essas são hipóteses que precisam ser transformadas em teses com estudos, com verificações, com análise de dados, o que não é o caso do que nos interessa agora. Em 2019, este país recebeu receitas de exportações de nossas produções exportáveis e competitivas no mercado internacional, porque havia vitalidade na atividade econômica do país; o país recebeu uma quantidade significativa de remessas; recebeu receitas significativas do turismo — lembrem-se de que tivemos quase quatro milhões e meio de turistas em um ano — e tivemos créditos de várias instituições financeiras, créditos governamentais de países com os quais temos relações muito boas e também créditos de programas, de agências, que nos permitiram desenvolver e apoiar projetos.

Por outro lado, tínhamos um suprimento estável de combustível com base em acordos com países amigos, com países irmãos, o que significava que, nos termos desses acordos, não precisávamos gastar praticamente nada da receita em moeda estrangeira que recebíamos em combustível, porque tudo isso era compensado pelos serviços que prestávamos a esses países irmãos.

Portanto, sob todas essas condições, tínhamos uma receita em moeda estrangeira que nos permitia importar matérias-primas para desenvolver nossos principais processos produtivos, na medida em que

podíamos ter essas coisas com as limitações do bloqueio; podíamos comprar alimentos para satisfazer a cesta básica, podíamos até mesmo comprar alimentos e outros bens que colocávamos nas lojas — naquela época eram as lojas que operavam na moeda CUC, e no mercado interno em moeda nacional —, portanto, nosso mercado interno tinha um certo nível de abastecimento.

Tínhamos moeda estrangeira disponível, com a qual poderíamos alcançar um mercado de câmbio legal, controlado pelo Estado, onde poderíamos comprar e vender moeda estrangeira com seu equivalente em moeda nacional. Tínhamos um nível aceitável de capacidade para pagar nossas obrigações de dívida com países ou empresas que tinham investido em Cuba, inclusive investimentos estrangeiros. E também tínhamos uma capacidade de dinheiro para a compra de peças de reposição, um dos insumos mais importantes para nossa economia.

Portanto, havia oferta no mercado interno e uma relação oferta/demanda adequada que permitia que os níveis de inflação fossem baixos.

Tudo isso levou a um ciclo de feedback: Os processos produtivos, a boa atividade produtiva, geraram mais recursos exportáveis, mais renda; o turismo se desenvolveu, gerou mais renda, e tudo isso foi sendo agitado e chegamos a uma certa situação, eu diria, de estabilidade, sem ainda alcançar a prosperidade a que aspiramos, e estamos em um processo de aperfeiçoamento do nosso sistema econômico-social e, por outro lado, também com todo um conjunto de propostas, visões, postulados e diretrizes em relação ao Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social até 2030, e vivemos dessa forma.

Ignacio Ramonet: Isso foi até 2019.

Miguel M. Díaz-Canel: Até o segundo semestre de 2019.

No segundo semestre de 2019, o governo Trump está aplicando mais de 240 medidas que reforçam o bloqueio, e é aí que entra o primeiro conceito: Eles reforçam o bloqueio, e até mesmo o Título III da Lei Helms-Burton é aplicado pela primeira vez, o que nunca tinha sido aplicado antes e que tem um tremendo impacto, acima de tudo, de pressão sobre os investidores estrangeiros, sobre aqueles que já investiram, sobre aqueles que estavam pensando em investir, e dá apoio àqueles que fizeram parte dos confiscos que o Governo Revolucionário justamente realizou nos primeiros anos da Revolução.

Com essas medidas de endurecimento, todas as nossas fontes de renda em moeda estrangeira foram repentinamente cortadas; o turismo diminuiu consideravelmente, porque o governo dos EUA negou ao povo norte-americano o direito de viajar para Cuba; os navios de cruzeiro, que eram uma parte importante do fluxo de turistas para Cuba, foram fechados; uma enorme perseguição energética e financeira foi organizada. Mais de 92 bancos ou instituições financeiras internacionais foram sancionados ou pressionados pelo governo dos Estados Unidos e, portanto, interromperam suas relações de intercâmbio financeiro com Cuba.

As remessas, que eram uma importante fonte de renda para o país, foram cortadas e, por outro lado, eles também pressionaram e aplicaram muitas sanções contra países amigos e irmãos que nos forneciam combustível regularmente. Portanto, começamos a ter um déficit de combustível; começamos a ter um déficit na disponibilidade de moeda estrangeira.

Com esses dois elementos, por um lado, o sistema elétrico nacional está desestabilizado, porque conseguimos garantir a operação das usinas termoelétricas com o petróleo bruto nacional; mas as usinas termoelétricas não cobrem toda a demanda de eletricidade do país, especialmente nos horários de pico, e temos de colocar em funcionamento outras usinas de geração distribuída que operam principalmente com diesel e óleo combustível; sem esses combustíveis, ficamos com um déficit.

Por outro lado, com a menor disponibilidade de divisas, não conseguimos comprar a tempo os insumos e peças de reposição necessários para a manutenção de todo o sistema elétrico nacional, que, aliás, é um sistema com certo nível de obsolescência; isso aumenta as quebras, faz com que a manutenção seja mais demorada e tudo isso conspira contra a estabilidade do sistema elétrico nacional e, nessas condições, começamos a sofrer com os incômodos apagões. Para reduzir esses apagões, tivemos até que fechar ou limitar o nível de atividade produtiva, um grupo de atividades econômicas.

E como parte dessas mesmas limitações de moeda estrangeira, estamos começando a ter falta de certos insumos e matérias-primas para processos de produção importantes. E a pouca moeda estrangeira que temos, temos de gastar na compra de combustível, o que não precisávamos gastar antes porque tínhamos outros mecanismos para resolver esse problema.

Os preços estão subindo no mercado internacional, porque isso também faz parte da crise multidimensional que o mundo está sofrendo.

Ignacio Ramonet: A COVID-19 também começa.

Miguel M. Díaz-Canel: Há a COVID-19, na qual estamos entrando em 2020, depois disso. Há as questões do aumento dos preços no mercado internacional como parte da crise multidimensional; há os efeitos da mudança climática, e temos sido afetados por secas intensas, por chuvas intensas durante todo esse tempo e também por furacões de certas intensidades que causaram muitos danos à economia. Tudo isso criou um ambiente de escassez de medicamentos, alimentos e combustível.

Ignacio Ramonet: Dificuldades de transporte.

Miguel M. Díaz-Canel: No transporte. E isso também está afetando nossos programas sociais e o bem-estar da população, e está criando uma realidade muito complexa. No primeiro mês de 2020, apenas oito ou dez dias antes de Trump deixar a Casa Branca, ele nos incluiu na lista de países que patrocinam o terrorismo.

Ignacio Ramonet: Inclusão na lista de países que favorecem o terrorismo.

Miguel M. Díaz-Canel: E então, de repente, todas as agências bancárias e todas as instituições financeiras pararam de nos conceder empréstimos. Portanto, hoje somos um país que vive da conta corrente, ou seja, o que você ganhou nesta semana e como você o distribui entre um número enorme de prioridades que o país tem e que não podem ser cobertas com a renda de uma única semana. Portanto, a disponibilidade de moeda estrangeira para todas essas coisas que tinham aumentado está começando a ser afetada, não temos mais a mesma capacidade de cobrir e honrar nossos compromissos de pagar dividendos a entidades estrangeiras, de pagar dívidas a países ou empresas com as quais temos dívidas, em tempo hábil.

Ignacio Ramonet: Ou o Clube de Paris.

Miguel M. Díaz-Canel: Não podemos desenvolver a atividade econômica com toda a intensidade e capacidade que temos e que precisamos para oferecer bens e serviços; isso cria um tremendo desequilíbrio entre a oferta e a demanda e, como resultado, os preços sobem e a inflação aparece em grande escala.

Por outro lado, não temos a disponibilidade de moeda estrangeira para operar um mercado de câmbio estatal legal de forma eficiente e, portanto, cria-se um mercado ilegal.

Ignacio Ramonet - Mercado paralelo, negro.

Miguel M. Díaz-Canel: Paralelo, que também manipula a taxa de câmbio e quase se torna um elemento que impõe preços e também contribui para a questão da inflação.

Foi nessas condições que surgiu a COVID-19, que a COVID-19 não afetou apenas Cuba, afetou o mundo inteiro. E a partir de nossa visão humanista da Revolução, durante a COVID-19 nosso principal objetivo era salvar a vida das pessoas. Portanto, uma parte importante de todos os esforços e do pouco dinheiro que entrou no país foi destinada a salvar a vida da população: Primeiro, com base em protocolos para lidar com a doença, usando ou reposicionando medicamentos e produtos biotecnológicos que já tinham sido desenvolvidos pela indústria biotecnológica cubana para outras doenças e que tiveram um certo nível de efeito nas condições da COVID-19 e, depois, como é sabido, com o enorme esforço, o esforço titânico e, eu diria, os resultados exemplares de nossos cientistas, que fazem parte de todo o conceito que o Comandante-em-chefe teve durante o Período Especial de desenvolver um polo científico produtivo, com um esquema de produção fechado, incorporando a ciência e a inovação como uma força produtiva, e incorporando os processos de produção, distribuição e marketing, que se não tivéssemos tido esse desenvolvimento desde a década de 1990 até agora, não teríamos sido capazes de enfrentar a COVID-19 da maneira que fizemos.

Ignacio Ramonet: Então vamos falar sobre a COVID-19 e você pode desenvolvê-la.

Miguel M. Díaz-Canel: Sim, sim, falaremos sobre isso mais tarde. E, acima de tudo, os esforços do sistema de saúde cubano.

Ignacio Ramonet: Com certeza.

Miguel M. Díaz-Canel: Mas, sem dúvida, todos os outros fenômenos foram ampliados e continuaram nesses anos; porque também deve ser observado que uma das características desse bloqueio intensificado é que foi aplicado por um governo republicano, o governo Trump; mas um governo democrata manteve o mesmo, Biden. Foi um processo cumulativo e sistemático ao longo de quatro anos, uma situação muito complexa para nossa população e, eu diria, carregada de uma tremenda perversidade, que mostrarei a vocês quando falarmos sobre a COVID-19.

Ignacio Ramonet: Senhor Presidente, gostaria que falássemos sobre algo que o senhor acabou de mencionar e que é muito incômodo para a população cubana, que são os apagões.

Miguel M. Díaz-Canel: Os apagões.

Ignacio Ramonet: Acho que esse é um dos problemas que mais incomodam muitos cidadãos. Como você pode avaliar a situação energética do país? Você acabou de mencionar alguns elementos, mas que perspectiva de solução você pode anunciar aos cidadãos de Cuba?

Miguel M. Díaz-Canel: Ramonet, hoje, neste momento em que estamos realizando esta reunião, estamos em uma situação energética extremamente complexa.

Hoje, temos um sistema elétrico instável por várias razões que vou explicar agora e, no momento, nesta semana, sofremos graves apagões em todo o país, não conseguimos desligar o sistema elétrico nacional 24 horas por dia por mais de cinco dias, o que significa que em todos os momentos tivemos algum nível de apagão, e isso, sucessivamente, sem dúvida, prejudica, complica a situação, causa mal-estar, causa mal-entendidos e torna a vida dos cubanos mais difícil.

Há vários aspectos aqui: primeiro, temos um sistema de eletroenergia que tem um componente de usinas termoelétricas, de geração de energia térmica, que é resolvido com a produção de petróleo bruto

nacional.

Ignacio Ramonet: Nacional, que é o petróleo bruto pesado.

Miguel M. Díaz-Canel: Que é um petróleo pesado, com muito enxofre; mas ele precisa de reparos, precisa de manutenção sistemática, são necessários mais de US\$ 300 milhões por ano para manter esse sistema nacional de eletroenergia, e essa disponibilidade não existe. Isso significa que há quebras e problemas tecnológicos com mais frequência do que seria normal em um sistema como esse.

Temos outro grupo de fontes de geração de eletricidade, que são os motores de geração distribuída, especialmente para uso em horários de pico, que exigem diesel e óleo combustível, e nem sempre tivemos os níveis de diesel e óleo combustível de que precisamos.

Como parte de toda essa situação de bloqueio, nós, por exemplo, passamos de outubro até o mês passado sem diesel ou óleo combustível entrando no país, e estávamos consumindo as reservas do país — porque também temos um programa de economia — e isso também nos causou, devido à falta de combustível, graves apagões, especialmente em março. Ao mesmo tempo, esses grupos geradores também precisam de peças de reposição e manutenção, que são afetadas.

Já temos um pequeno componente com fontes alternativas, especialmente com o uso de fontes de energia renováveis.

Portanto, nas condições atuais, a geração de eletricidade pode falhar devido à falta de combustível, à falta de manutenção ou a uma combinação dos dois fatores.

Hoje, no momento, não é tanto a falta de combustível que está nos afetando, mas os problemas tecnológicos e, por outro lado, temos uma estratégia de manutenção que conseguimos organizar em meio a essas circunstâncias, sobretudo com o objetivo de causar o menor impacto possível na população durante o verão. Portanto, nos últimos dias, tivemos a coincidência de várias usinas que tinham trabalhos de manutenção planejados e que estão sendo executados, mas, ao mesmo tempo, outras quebraram.

Ignacio Ramonet: E quanto às energias renováveis, presidente, o senhor está apostando nas energias renováveis?

Miguel M. Díaz-Canel: Então, agora você estava falando comigo sobre soluções.

Estamos apostando em fontes de energia renovável, tanto eólica quanto fotovoltaica, biogás, todo um grupo de conceitos; mas, acima de tudo, fotovoltaica, porque é um investimento que leva menos tempo para ser implantado.

Hoje temos um grupo de acordos assinados, com garantias, que nos permitirão atingir mais de 2.000 megawatts em menos de dois anos. Isso nos colocaria em uma situação energética diferente, pois nos levaria a atingir o objetivo que queremos de ter mais de 20% de energia renovável até 2030. Vamos chegar a 25%, talvez um pouco mais, dependendo de como essas questões funcionarem.

Portanto, isso vai nos dar um primeiro impacto para que, no pico do dia, os grupos de geração distribuída não estejam funcionando e possamos cobrir tudo com essa nova energia.

Ah, porque um dos elementos que eu esqueci de explicar aos senhores é que, à medida que as usinas termelétricas saem de operação, os grupos de distribuição de energia que estão planejados, especialmente para o horário de pico, têm de trabalhar no horário fora de pico, então eles se desgastam mais do que o planejado e nem sempre conseguem compensar esse déficit.

Temos um programa completo, que o ministro de Energia e Minas explicou há algumas semanas para toda a nossa população. Agora estamos começando a criar e instalar fazendas sucessivamente, e nossa geração de eletricidade crescerá dessa forma, o que significa que haverá uma mudança substancial neste ano e uma consolidação no próximo ano.

Parte dessas fazendas de energia fotovoltaica acumulará energia e poderá ser usada no período

noturno. Além de nos dar essa possibilidade, isso também reduzirá o consumo de combustível usado para esse fim.

Ignacio Ramonet: Que é usado para produzir.

Miguel M. Díaz-Canel: Portanto, há duas saídas: poderemos usar mais combustível para a economia, sobretudo para a produção de alimentos, para a agricultura, para processos produtivos que hoje são muito limitados porque a maior parte do combustível que temos, por ser deficitário, é usada para a geração de eletricidade; e, por outro lado, nossos custos de compra de combustível também diminuirão.

Ignacio Ramonet - Sobre a compra de hidrocarbonetos.

Miguel M. Díaz-Canel: Mas, além disso, as usinas termoelétricas funcionarão em um regime mais confortável, de forma que consumiremos menos do próprio petróleo nacional, que também é exportável; e uma das coisas que estamos fazendo, das medidas que tomamos, é tomar uma série de medidas para continuar aumentando a produção de petróleo nacional, e com essa produção de petróleo nacional podemos exportar, e isso também nos ajuda a ter uma fonte de financiamento para todos esses investimentos que são caros, esses investimentos são muito caros, os investimentos em geração de eletricidade.

Esse é, eu diria, o caminho mais sustentável, porque, além disso, é totalmente coerente com tudo o que propomos na política ambiental, com todo o compromisso que temos em nossos programas e em nossos compromissos com as conferências COP, para reduzir as emissões de CO₂ no espaço, ou seja, é totalmente coerente e garante o desenvolvimento sustentável.

Também estamos buscando investimentos estrangeiros que nos permitam fortalecer, atualizar e melhorar o processamento de algumas de nossas refinarias, o que também nos permitiria processar esse petróleo bruto nacional.

Ignacio Ramonet: Para refiná-lo.

Miguel M. Díaz-Canel: Para refiná-lo e obter outros produtos que também seriam exportáveis ou que seriam úteis para o consumo nacional, e teríamos de importar menos desses produtos para o consumo nacional.

Há também todo um programa de economia de energia que parte da cultura da população?

Ignacio Ramonet: Reduzir o consumo e não desperdiçar.

Miguel M. Díaz-Canel: Reduzir o consumo, não desperdiçar, e, por outro lado, há todo um desenvolvimento de tecnologias fotovoltaicas, digamos, mais no âmbito doméstico, de equipamentos que funcionam com fontes de energia fotovoltaica. Há também a substituição de luminárias por luminárias de LED, que consomem menos energia e também duram mais, e esse conjunto de ações combinadas nos levará a uma situação melhor de energia elétrica.

Isso está bem definido, bem programado. Infelizmente, temos que passar por momentos como esse para chegar lá, mas é uma das formas de superarmos os efeitos do bloqueio em relação à questão energética.

Ignacio Ramonet: Sr. presidente, de qualquer forma, essa situação que o senhor descreve e a anterior, com as dificuldades e privações, provocou recentemente um fenômeno sociológico que era desconhecido em Cuba, que são os protestos sociais. Por um lado, muitas pessoas estão emigrando porque não suportam as condições atuais e, por outro lado, os protestos que, embora não tenham sido maciços, foram surpreendentes porque isso é incomum. Então, gostaria que você nos explicasse, em primeiro lugar, como você analisa a natureza desses protestos e que lições o senhor está tirando dessa situação?

Miguel M. Díaz-Canel: Ramonet, em primeiro lugar, acho que nosso povo sofreu os efeitos do bloqueio e, como eu estava dizendo, o bloqueio teve um efeito acumulado por mais de sessenta anos. Minha geração, que nasceu nos primeiros anos da Revolução, é uma geração que viveu bloqueada pela escassez causada pelo bloqueio.

Ignacio Ramonet: O bloqueio sempre esteve presente.

Miguel M. Díaz-Canel: Mas meus filhos nasceram sob o bloqueio e nossos netos nasceram e estão vivendo sob as condições do bloqueio. Portanto, isso teve um efeito direto sobre a população cubana. Precisamente, em termos conceituais, o que o governo dos EUA e a política imperial defendem em relação à destruição da Revolução Cubana?

Há um ponto de referência chamado Memorando Mallory, baseado precisamente em um memorando escrito por um funcionário do Departamento de Estado na década de 1960 em uma avaliação de Cuba, que dizia que, dado o nível de apoio popular à Revolução, a maneira de derrubar a Revolução era: asfixia econômica, tentando fazer todo o possível para garantir que o povo sofresse dificuldades e escassez e que isso levaria a uma ruptura com a Revolução e, portanto, provocaria uma explosão social que levaria à queda da Revolução.

Essa tem sido a política, esse tem sido o ponto de referência, o conceito fundamental, e é isso que eles estão fazendo com a intensificação do bloqueio. Em 60 anos, eles não conseguiram nos quebrar, e optaram por um bloqueio mais rígido para nos quebrar. Eles também não vão nos quebrar! Ainda acredito na capacidade de resposta, no heroísmo desse povo e na resistência criativa que mencionei a vocês.

Agora, nestes tempos em particular, com a intensificação do bloqueio, em algumas ocasiões tivemos a coincidência de vários fatores sobre essa população: apagões prolongados, problemas de transporte, escassez de vida, problemas para garantir a cesta básica, problemas com alimentos, problemas com medicamentos.

Quando há apagões, o abastecimento de água é afetado, porque as fontes de abastecimento de água também funcionam com eletricidade; que, por sinal, agora fizemos um investimento muito importante para transformar os sistemas de bombeamento em sistemas fotovoltaicos também, e isso faz parte das coisas que estamos fazendo para superar essa situação.

Em determinado momento, também houve manifestações em alguns lugares e com certa participação, eu diria, em maior número, mais em massa nos eventos de 11 de julho; menos em massa nos eventos de 17 de março, embora a mídia as tenha apresentado como muito massivas, como parte do outro componente dessa política agressiva em relação a Cuba de pressão máxima, que, por um lado, é a asfixia econômica com a intensificação do bloqueio e, por outro lado, é a intoxicação da mídia, em que eles tentam desacreditar a Revolução Cubana, e em que há uma Cuba virtual e uma Cuba real.

Portanto, em vários lugares, houve protestos populares.

Quais são as características dessas demandas? A maioria desses protestos ocorreu em uma situação de protesto pacífico, em que a maioria das pessoas que foram protestar pediram uma explicação. Veja bem, não são exigências de ruptura com a Revolução, as pessoas foram às instituições governamentais ou às instituições partidárias.

Ignacio Ramonet: Isso ficou muito claro em Santiago.

Miguel M. Díaz-Canel: Em Santiago.

Eles foram pedir explicações, pedir ratificação se a situação se deve a certas circunstâncias, e quem foi que mostrou a cara? Quem foi que conversou com o povo, porque eles fazem parte do povo? Foram exatamente os líderes do artido, os líderes do Governo e as administrações nesses locais, e sem repressão policial, sem repressão de qualquer tipo.

Também houve pequenos grupos nesses protestos que não se comportaram dessa maneira pacífica, e essa é uma das coisas que a intoxicação da mídia promovida pelo império está tentando distorcer. Muitas dessas pessoas foram financiadas por projetos subversivos do governo dos EUA e recebem dinheiro sistematicamente para se aproveitar de situações como essa e se manifestar contra a Revolução. Elas também não recebem resposta repressiva por se manifestarem contra a Revolução.

Ignacio Ramonet: A Constituição cubana garante o direito de manifestação.

Miguel M. Díaz-Canel: Não tem uma resposta repressiva, pode ter uma resposta popular, porque a população..., até já aconteceu, há pessoas nesses protestos que dizem: «Espere, temos de falar com o Governo e falar com o Partido», e eles confrontaram e não permitiram que essas pessoas gritassem slogans contrarrevolucionários ou outros tipos de coisas; mas mesmo essa opinião que alguém que não está com a Revolução possa ter não é reprimida. O que acontece é que, muitas vezes, por fazer parte da mesma plataforma de subversão, aqueles que protestam contra a Revolução dessa forma, que são os menos numerosos, cometem atos de vandalismo nesses protestos e atacam a propriedade do Estado, a propriedade social, perturbam a ordem pública, e isso traz uma resposta que não é ideológica, é uma resposta judicial, uma resposta legal, como em qualquer outro país, porque eles estão perturbando a ordem pública, estão perturbando a paz dos cidadãos, estão cometendo delitos ou atos de vandalismo. O que acontece é que isso não é apresentado dessa forma pela mídia internacional, é apresentado de uma forma diferente, porque há um roteiro, um roteiro de guerra não convencional que propõe: primeiro, um surto social, demandas ou protestos; segundo, a encenação da repressão policial; terceiro, a encenação de prisioneiros políticos, ou seja, repressão com prisioneiros políticos entre aspas; depois, demonstrar que, por causa dessas coisas, há um estado falido e, em seguida, a suposta ajuda humanitária e a mudança de regime. Esse é o roteiro e o script da guerra não convencional que está sendo aplicado hoje contra Cuba, contra a Nicarágua, contra a Venezuela.

Portanto, há uma distorção aqui e, eu diria, esses tipos de protestos que ocorreram em Cuba, como o senhor diz, que é um desenvolvimento relativamente novo o mundo mudou e nossa sociedade mudou, e as condições causadas pela intensificação do bloqueio também mudaram nossas vidas — são atendidos, são explicados, não causam uma ruptura entre o povo e a Revolução, porque, além disso, também temos um sistema de trabalho em que estamos visitando lugares, estamos constantemente conversando com a população, damos informações sobre esses problemas.

Por que não se fala dos protestos nos Estados Unidos, que geralmente terminam com brutalidade policial, especialmente contra negros ou pessoas humildes? Por que não se fala da brutalidade policial durante os protestos que ocorreram nos últimos dias nos Estados Unidos, nas universidades, que foram pacíficos, totalmente pacíficos, a favor da causa palestina e contra o genocídio cometido por Israel, apoiado pelos Estados Unidos, contra o povo palestino? E qual foi a resposta do governo dos Estados Unidos a esses eventos? Repressão policial, maus-tratos aos estudantes, maus-tratos até mesmo aos professores, com botas no pescoço das pessoas. Vimos cenas de um professor, uma pessoa idosa, subjugada, reduzida, humilhada no chão. Isso não acontece em Cuba, isso não acontece em Cuba! Por que não houve críticas aos protestos que ocorreram em outros países europeus, onde manifestantes também foram baleados ou onde, em menos de dois dias, houve mais de 3.000 presos e que foram protestos pacíficos? Por que os protestos em Cuba são os que são amplificados e por que são os que

assumem essas dimensões?

Por exemplo, digo-lhe, no dia 17 de março, quando estávamos em contato direto com os três lugares onde ocorreram os protestos sociais, por volta das sete horas da noite já estava tudo em ordem e, além disso, nesse dia no país havia várias atividades nas quais as pessoas estavam participando como parte de um domingo, e ainda à uma hora da manhã as plataformas de intoxicação da mídia diziam que havia um protesto em massa em toda Cuba: uma mentira total, uma calúnia, uma construção.

Eu digo, Ramonet, o que se pode esperar de um governo da maior potência do mundo que, para atacar um país, cujo único pecado pode ser o de querer a autodeterminação, a independência, a soberania e de querer construir um modelo diferente daquele que o governo dos Estados Unidos quer impor como parte de sua política hegemônica, que por isso essa potência recorre a um bloqueio brutal durante tantos anos e que, para derrubar a Revolução, tem de recorrer a mentiras? Isso é tão perverso, essas construções são tão vulgares.

Eu digo, se estamos tão errados, se somos tão ineficientes, se realmente somos tão fracassados, não me apliquem nenhuma sanção, deixem-me cair. Mas não, eu sei que o exemplo de Cuba, e digo isso sem nenhuma expressão de vanglória, longe disso, sem nenhum chauvinismo cubano..., nós sabemos o que representamos como exemplo para a América Latina, para o Caribe e para o mundo, porque constantemente se vê quantas pessoas no mundo fizeram da solidariedade com Cuba o centro de suas vidas, e isso não é por escolha, é porque há um exemplo, porque há confiança, porque há uma luz guia, com a qual assumimos um tremendo compromisso, porque não podemos decepcioná-la. Essa é a única coisa que explica por que um governo tão poderoso tem de recorrer a essas práticas para tentar subjugar um país pequeno.

Ignacio Ramonet: Vamos fazer uma pausa aqui, presidente.

Presidente, vamos abordar o segundo bloco de nossa entrevista, que são as perguntas sobre a economia, e faremos essencialmente quatro perguntas.

A primeira é a seguinte: Gostaria de saber sua avaliação da situação atual da economia cubana e que medidas seu governo está tomando para enfrentar alguns dos desafios atuais, além do bloqueio, obviamente, como, por exemplo, a inflação, que o senhor já abordou em parte; a dolarização parcial que está ocorrendo, e também a falta de investimentos estrangeiros diretos significativos que está ocorrendo.

Miguel M. Díaz-Canel: Ramonet, acho que parte da pergunta, como resposta, foi apresentada quando descrevemos o que significava o bloqueio, porque é precisamente esse bloqueio que está dando origem à nova situação econômica, que é a descrita.

Então, para resumir, para focar mais no que vamos fazer para superar essa situação, temos que dizer que é uma economia que hoje funciona em condições complexas e onde há todo um conjunto de desequilíbrios econômicos.

Então, o que estamos propondo para lidar com isso? Em primeiro lugar, elaboramos um Programa de Estabilização Macroeconômica que será implementado por um período prolongado, digamos, até 2030, e que terá de ser constantemente ajustado para alcançar os equilíbrios macroeconômicos de que o país precisa no menor tempo possível. Ele trata dos problemas de inflação, dos problemas do mercado de câmbio e, é claro, da taxa de câmbio; trata da política monetária, da política fiscal, dos incentivos à produção nacional e às exportações; também inclui elementos de salários, pensões, emprego e toda a reorganização que precisamos fazer no sistema econômico, e as políticas que têm a ver com o uso de nossas finanças, com a alocação de recursos, com o papel da empresa estatal, com a relação entre a empresa estatal e o restante dos agentes econômicos.

Agora, parte de várias premissas. Uma premissa é que estamos procurando maneiras de estimular a produção nacional, pois, ao estimular a produção nacional, ganhamos soberania econômica; ao estimular a produção nacional, podemos também conseguir satisfazer as necessidades internas do país, de forma que o mercado interno se torne uma fonte de desenvolvimento.

Ignacio Ramonet: O senhor está pensando principalmente na agricultura, por exemplo, para a soberania alimentar?

Miguel M. Díaz-Canel: Estamos falando exatamente sobre isso.

Podemos produzir uma parte significativa dos alimentos de que o país precisa e importar menos alimentos. Hoje, temos de ter mais de US\$ 2 bilhões para importar alimentos, que, por serem investidos, nem sempre importam a mesma quantidade ou mais; pelo contrário, importam menos porque os preços e os custos de frete aumentam.

Além disso, a partir desse aumento da produção nacional e da eficiência dessa produção nacional, devemos também alcançar a competitividade nas exportações para trazer divisas e tornar essa produção nacional sustentável.

Esse conceito de estimular a produção nacional e, acima de tudo, a agricultura, não o estamos levando para o nível nacional, mas sim para que o nível nacional seja construído a partir do nível local: como cada município tem um programa de autossuficiência municipal, como cada província tem um programa de autossuficiência provincial, e que todos esses esforços e toda essa construção a partir da comunidade, do bairro, passando pelo município, pela província, cheguem ao país e estabilizem a situação alimentar do país.

É por isso que desenvolvemos uma Política de Soberania Alimentar e existe uma Lei de Soberania Alimentar.

Ignacio Ramonet: Ela está produzindo resultados, e o senhor vê os resultados?

Miguel M. Díaz-Canel: Tenho uma experiência. Desde janeiro, temos visitado todas as províncias do país todos os meses e, em cada província, visitamos um município diferente a cada mês.

O que observamos? Observamos boas experiências em que os trabalhadores e os coletivos de trabalhadores, com a liderança que têm, fazem as coisas de forma diferente e, em condições de bloqueio intensificado, assim como todos os outros, encontram respostas para o que temos de alcançar, inclusive muitas delas em termos de produção de alimentos. Vi algumas coisas muito interessantes a esse respeito.

Ignacio Ramonet: Isso poderia ser estendido a outras partes do país.

Miguel M. Díaz-Canel: Exatamente, mas digamos que hoje são exceções.

Portanto, também temos outros lugares que visitamos onde as apresentações não são adequadas e onde os coletivos talvez estejam mais sobrecarregados pelo peso das restrições do bloqueio e não pelo pensamento que queremos desenvolver, que é o pensamento da resistência criativa: «Sou afetado pelo bloqueio nisso e naquilo, mas em condições de bloqueio posso fazer isso, isso, e aquilo e superar e avançar».

O que queremos é que aqueles que são inspiradores, aqueles que são inspirados pelo exemplo daqueles que fazem as coisas de forma diferente, adquiram essa experiência e passem a ter um desempenho melhor, e então o que hoje é a exceção se torna a regra.

Mas já há algo interessante, porque, digo a vocês, essas convicções e esses critérios que estou compartilhando com vocês não são um apelo ou uma propaganda nossa, é que se tem isso como uma convicção justamente pelo que se vê nessas visitas a cada parte do país.

Então, por exemplo, nas visitas de março e abril, começamos a observar que lugares que fecharam 2023, no ano passado, com desempenhos improdutivos, não rentáveis, ineficientes, estão começando a deixar essa situação para trás e estão começando a se aproximar disso. Agora, o que temos que alcançar? Que essa transformação seja sustentável ao longo do tempo. Acho que é aí que estão as respostas, nós mesmos temos as respostas.

O que diremos a eles mais tarde quando compartilharmos com a liderança dos territórios? Temos de levar este que não está indo bem aos conceitos daquele que está indo bem, a experiência está bem ali. É muito estimulante ver como em cada parte do país há coisas que ainda não têm os níveis produtivos de atividades, de contribuições de que precisamos, mas também há luzes nesses exemplos.

Ignacio Ramonet: Por parte do Estado, foram feitas as reformas legais necessárias para facilitar a nova produção.

Miguel M. Díaz-Canel: Ainda temos de garantir que a empresa estatal possa operar nas mesmas condições que o setor não estatal, mas hoje a empresa estatal tem um conjunto de poderes que lhe foram concedidos e que nem sempre são bem utilizados. Na medida em que for usado com uma cultura empresarial mais avançada e flexível, sem dúvida terá um impacto.

Portanto, um conceito fundamental: ciência e inovação. Um país pobre como o nosso, com poucos recursos naturais, mas com muito talento, tem uma construção que foi fundada pelo Comandante-em-chefe, que foi continuada pelo general-de-exército e que continua sendo ampliada e atualizada em meio a essas condições: que as respostas para nossos problemas devem ser encontradas na pesquisa científica, levando tudo isso à inovação. É por isso que optamos por um Sistema de Gestão Governamental baseado em Ciência e Inovação a ser aplicado em todas as áreas. Foi assim que lidamos com a COVID-19 e agora estamos levando isso para a área da agricultura, para a área da indústria, para a questão da produção de alimentos.

Há também a atenção às pessoas e famílias em condições vulneráveis. Cada uma das medidas que vamos aplicar deve ter um tratamento para que as pessoas vulneráveis e as famílias em situação de vulnerabilidade não sejam afetadas, porque nosso objetivo não é criar mais desigualdades; pelo contrário, é reduzir a lacuna da desigualdade, e que sejamos capazes de produzir com a consciência de que a riqueza que somos capazes de gerar é a que podemos distribuir e que vamos distribuí-la com justiça social.

Ignacio Ramonet: Sr. presidente, entre as mudanças que ocorreram na economia cubana nos últimos anos está o surgimento de uma economia de mercado, certo? Em particular, isso se expandiu recentemente com o desenvolvimento de micro, pequenas e médias empresas, que aqui são chamadas de MPMEs. Qual é a sua avaliação desse fenômeno que está transformando o tecido econômico de Cuba?

Miguel M. Díaz-Canel: Com relação a isso, acho que há alguns esclarecimentos a serem feitos. Primeiro, temos uma economia planejada que leva em conta os sinais do mercado, mas não é uma economia baseada na economia de mercado pura; há um conceito de justiça social no qual as leis de mercado não são as que impulsionam o desenvolvimento econômico, porque, acima de tudo, pensamos muito em termos de pessoas. E a eficiência da economia cubana às vezes é criticada do ponto de vista puramente econômico, mas eu digo: essa economia bloqueada, que ainda não satisfaz todas as nossas necessidades, mantém conquistas sociais importantes que hoje em Cuba são assumidas como um direito, mas que em muitos lugares ainda não são uma conquista. Então, acho que há também um certo nível de injustiça na avaliação do comportamento exato da economia cubana. Por um lado, trata-se de uma economia planejada, mas que leva em conta e reconhece os sinais do mercado e as leis do mercado.

Por outro lado, o setor de MPMEs. Em primeiro lugar, há MPMEs estatais e há MPMEs privadas não-estatais, ou seja, não se trata apenas de um setor privado. E o setor privado existia em Cuba, mas aqui ele se expandiu, porque uma parte significativa da produção agrícola está nas mãos de agricultores privados e cooperativas agrícolas.

Havia o trabalho por conta própria, mas o problema é que, sem o desenvolvimento das MPMEs, o trabalho por conta própria foi confundido com o trabalho autônomo e gerou certas articulações ou certas relações que eram mais do que o trabalho por conta própria e se tornaram organizações.

Ignacio Ramonet: Sim, já eram pequenas empresas com funcionários.

Miguel M. Díaz-Canel: Empresas que, embora não fossem reconhecidas, trabalhavam assim. Em outras palavras, o que acredito é que atualizamos a situação que tínhamos e propusemos algo muito coerente, que é aproveitar todo o potencial que o país tem. Portanto, é uma empresa estatal que deve desempenhar um papel fundamental na construção socialista, mas que tem um setor privado para complementar sua atividade econômica.

Ignacio Ramonet: O que esse setor de mercado privado representa atualmente?

Miguel M. Díaz-Canel: Hoje, quando as pessoas falam sobre a dinâmica das MPMEs, elas dizem: «Não, mas elas estão crescendo muito». Elas estão crescendo, é um processo relativamente novo, e digamos que já temos cerca de 10.000; mas um de nossos conceitos, como parte da construção socialista, é que os principais meios de produção estão nas mãos do Estado e são representados por empresas estatais. Portanto, o maior peso da economia está no setor estatal, sem negar a importante contribuição do setor não-estatal.

Acredito que essa também tenha sido uma área relativamente nova no aprimoramento de nosso sistema econômico e social. O que temos de fazer agora é corrigir algumas distorções nas relações entre empresas estatais e entidades estatais com entidades não-estatais, para que todas elas, como parte de um grupo de atores econômicos em nossa sociedade, contribuam e sejam inseridas no Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. E por isso, com o intercâmbio com o setor não-estatal, com o intercâmbio com o setor empresarial cubano, estamos agora atualizando todo um conjunto de normas para que isso funcione de forma mais coerente e realmente impulse a economia do país a partir da contribuição do Estado e da contribuição do setor não-estatal.

Aqui também estamos insistindo que muitas dessas empresas são formadas com base no conceito de empresas de alta tecnologia e empresas inovadoras, e podemos tê-las no setor estatal, porque uma das características das MPMEs, sejam elas estatais ou privadas, é que são empresas que, por sua concepção, por sua forma de operar, se adaptam mais rapidamente às mudanças e têm mais capacidade de inovação.

Ignacio Ramonet: Elas também são menores.

Miguel M. Díaz-Canel: São menores, operam de forma mais flexível e, portanto, as contribuições e a dinâmica que podem trazer para a economia são muito importantes.

Ignacio Ramonet: O senhor acha que esse setor continuará se expandindo?

Miguel M. Díaz-Canel: Acho que esse setor continuará se expandindo, continuará fazendo parte de nossa rede de atores econômicos e será um setor que não será inimigo da Revolução; é um setor que contribuirá, porque, além disso, é um setor que foi criado sob as condições da Revolução. Embora haja uma tentativa muito direta, como sabemos, do governo dos Estados Unidos de tentar transformar esse

setor em um setor de oposição à Revolução.

Agora há uma enorme contradição: há senadores, congressistas, formadores de opinião nos Estados Unidos que dizem que não devemos apoiar o setor estatal, mas que devemos investir nele para transformar as MPMEs em agentes de mudança. Há outros que dizem que as MPMEs, como são criaturas do Estado cubano para conseguir uma certa fachada, devem ser cortadas. Em Cuba, elas fazem parte de um tecido empresarial necessário para continuar avançando na construção socialista, envolvidas e comprometidas com o Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, e estão atentas para que não haja distorções nessa empreitada.

Ignacio Ramonet: Presidente, vamos falar sobre a Covid-19, embora o senhor tenha dito algumas palavras importantes anteriormente; mas lembremos que Cuba, graças a seus cientistas, graças a suas indústrias biofarmacêuticas, foi um dos poucos países do mundo que conseguiu vacinar toda a sua população com suas próprias vacinas, um feito excepcional no contexto, sobretudo, de um país sob bloqueio e com recursos limitados. Que lições o senhor aprendeu com essa crise? Também é importante: que novas contribuições Cuba poderia fazer ao mundo em termos de saúde?

Miguel M. Díaz-Canel: Ramonet, primeiro acho que temos que falar sobre o fato de que o mundo foi abalado pela Covid-19 e que o mundo deve aprender lições com a Covid-19. Acredito que a primeira lição que o mundo deve aprender com a Covid-19 é que mais recursos, mais financiamento e mais dinheiro devem ser dedicados para alcançar sistemas de saúde poderosos em todos os países.

Ignacio Ramonet - Público.

Miguel M. Díaz-Canel: Público, resiliente e para todos e não para uma minoria.

Por outro lado, a cooperação internacional sobre a Covid-19 é importante e não egoísta. Eu, talvez de forma um pouco idealista – isso tem a ver com as convicções de cada um, com a formação dentro da Revolução ? esperava que depois da Covid-19 o mundo fosse mais solidário, o mundo cooperasse mais, o mundo se complementasse melhor, e aconteceu o contrário: o mundo entrou em guerra, aumentou as sanções, os bloqueios, a construção de muros para resolver problemas internacionais.

Ignacio Ramonet: Discursos de ódio, a extrema direita.

Miguel M. Díaz-Canel: Discurso de ódio, toda a questão das redes sociais, onde há assassinatos de reputação, bullying, maldade, mentiras, calúnias e, acima de tudo, o que você destacou: esse discurso de ódio, esse discurso vulgar, esse discurso banal que não ajuda a melhorar as relações internacionais. Isso nos mostra que precisamos de uma Nova Ordem Econômica Internacional que seja inclusiva, que garanta a equidade e que seja justa.

Ignacio Ramonet: Isso demonstra solidariedade.

Miguel M. Díaz-Canel: Isso mostra solidariedade, que é o oposto da atual Ordem Econômica Internacional.

O que aprendemos com a Covid-19? Uma primeira lição tem a ver com as lições que aprendemos com o general-de-exército Raúl Castro. A Covid-19 estava correndo o mundo, as primeiras notícias da Covid-19 já estavam começando a sair, ainda não havia nenhum caso em Cuba – estamos falando de janeiro de 2020 – e o general-de-exército nos disse: temos que estudar imediatamente o que está acontecendo no

mundo e preparar um plano nacional para enfrentar a epidemia. Em outras palavras, aprendemos que tínhamos de ter a capacidade de elaborar um programa de trabalho abrangente ou uma estratégia para enfrentar a Covid-19 que envolvesse todas as instituições do Estado, as instituições sociais, o setor não-estatal da economia, para que, como país, pudéssemos assumir um plano/país que nos permitisse avançar e preparar as condições para enfrentar essa situação. Essa é a primeira lição, porque foi por meio desse plano, por meio dessa estratégia, que conseguimos nos antecipar à situação.

Ignacio Ramonet: Vocês começaram, até certo ponto, antes de a Covid-19 se espalhar pelo mundo.

Miguel M. Díaz-Canel: Preparar-nos antes da chegada do primeiro caso. Isso significou treinar nosso pessoal nas experiências que existiam no mundo, estudar a doença e outras coisas que vou lhe explicar agora, que também são experiências e que resultam disso; mas o conceito que mais engloba o que fizemos e o aprendizado é a visão do general-de-exército, que disse: preparar uma estratégia, preparar um programa, preparar um plano para enfrentar a doença.

Em segundo lugar, a cooperação internacional. Enviamos imediatamente brigadas médicas cubanas para mais de 46 países, onde, na época, em alguns deles, estava o epicentro da doença.

Ignacio Ramonet: Na Itália, na Lombardia.

Miguel M. Díaz-Canel: Na Itália, por exemplo, na Lombardia. Isso nos permitiu apoiar essas pessoas, ajudar, cooperar.

Ignacio Ramonet: E aprender.

Miguel M. Díaz-Canel: Mas também aprendemos, aprendemos!

Lembro que tínhamos a prática de, sempre que uma brigada retornava, nos reunirmos com ela e ela nos trazia todas as experiências, e incorporávamos todas essas experiências ao plano.

Em terceiro lugar, desenvolver uma rede de laboratórios de pesquisa molecular, laboratórios de biologia molecular, que se tornam elementos importantes para poder processar todas as amostras, que, nos casos dessas epidemias, são maciças em determinado momento, especialmente quando há picos pandêmicos; mas quando não há picos pandêmicos, elas se tornam a possibilidade de ter referências, dados com amostras para conhecer os níveis de disseminação da doença.

O papel da epidemiologia como ciência dentro do sistema de saúde, porque muitas dessas doenças também devem ser confrontadas com conceitos...

Ignacio Ramonet: Eles têm uma lógica particular.

Miguel M. Díaz-Canel: Uma lógica epidemiológica: como cortar a transmissão, como evitá-la, como trabalhar; o trabalho integral de todas as organizações da sociedade e, em particular, o vínculo, no caso cubano, do Sistema de Saúde – que é um sistema robusto, temos que dizer, em meio à situação atual, observe que estamos enfrentando a Covid-19, como eu estava dizendo, em meio ao bloqueio intensificado e já incluído na lista de países patrocinadores do terrorismo, a vinculação e a coordenação do Sistema de Saúde com o órgão regulador cubano de medicamentos, o Cecmed, e com a indústria biofarmacêutica, porque isso reduz os prazos para os testes clínicos, fornece capacidade para os testes clínicos, fornece a capacidade para testes clínicos, a capacidade de gerar novos medicamentos ou de propor o uso de medicamentos existentes para aperfeiçoar os protocolos de tratamento da doença.

O Sistema de Gestão baseado em Ciência e Inovação. Esse foi um papel fundamental, sistematizamos uma reunião, que ainda temos, todas as terças-feiras às duas ou três da tarde, geralmente, com especialistas, cientistas e instituições que trabalhavam no combate à Covid-19, de onde saiu todo um grupo de pesquisas científicas. Havia um programa de mais de mil pesquisas científicas, tópicos de pesquisa científica, avaliação dos resultados dessas pesquisas, e daí surgiu a geração de nossas vacinas.

Lembro-me de que, quando começamos a ter o pico da pandemia com a cepa Delta, e vimos que os mecanismos de distribuição de vacinas no mundo eram totalmente desiguais e favoreciam os ricos e não os pobres...

Ignacio Ramonet: Além disso, elas tinham de ser compradas.

Miguel M. Díaz-Canel: Era preciso comprá-las e pedimos aos nossos cientistas: «Precisamos de vacinas cubanas para ter soberania e lidar com isso». E três meses depois tínhamos a primeira vacina candidata, e então conhecemos a história: cinco vacinas candidatas, hoje três são vacinas que foram bem testadas quanto à eficiência e eficácia; outras duas ainda estão em testes clínicos, e serão vacinas muito promissoras, e desde que começamos a aplicar.... Ah, e essa é outra lição: você pode ter a capacidade de gerar vacinas, o que não é muito comum, não mais do que dez países conseguiram gerar suas vacinas, nenhum deles no Sul.

Ignacio Ramonet: Algumas potências não tiveram sucesso.

Miguel M. Díaz-Canel: Houve potências que não conseguiram, e nós compartilhamos e transferimos essa tecnologia para outros países e a compartilhamos com outras nações.

É ter a capacidade de fabricar suas próprias vacinas, mas ter a capacidade de realizar uma campanha de vacinação em massa em um curto espaço de tempo. Aplicamos 40 milhões de doses de vacinas em menos de dois anos e, para isso, é preciso ter um sistema organizado em nível social, em nível comunitário, porque a vacinação não era feita apenas em policlínicas, havia instituições como escolas onde as clínicas de vacinação eram quase organizadas e onde o pessoal de saúde estava presente, mas junto com as instituições sociais para realizar a vacinação.

Ignacio Ramonet: E isso ocorreu em meio à intensificação do bloqueio que o senhor descreveu anteriormente.

Miguel M. Díaz-Canel: Há uma informação que eu não tenho, acho que era impossível calcular nessas condições. Quando vi e estudei – naquela época estudávamos muito o que estava acontecendo no mundo com a Covid-19 – os bilhões que eram dados às empresas farmacêuticas para desenvolver pesquisas, garanto que não podíamos dar nem mais de 50 milhões às nossas instituições científicas. É claro que você me poderia dizer: «Isso não pode ser», há o que eu estava explicando antes, todo o conhecimento.

Ignacio Ramonet: Todo o aparato funcionando aqui...

Miguel M. Díaz-Canel: Todo o desenvolvimento anterior que foi o produto da ideia visionária do Comandante-em-chefe, que depois passou por uma transformação quando o general-de-exército estava à frente do país, o que tinha sido um sistema orçamentário do Polo Científico também se tornou um

poderoso sistema de negócios de círculo fechado para a produção de medicamentos e, em particular, de medicamentos biotecnológicos.

Ignacio Ramonet: E também de exportações.

Miguel M. Díaz-Canel: Se não tivéssemos tido toda essa preparação, não teríamos conseguido lidar com isso, e as vacinas salvaram o país! Quando vacinamos mais de 60% da população com uma única dose, o pico da pandemia caiu imediatamente.

Ignacio Ramonet: «A curva da...»

Miguel M. Díaz-Canel: Depois que abrimos as fronteiras do país, entrou a cepa Omicron, que no mundo causou picos pandêmicos mais altos, em Cuba um terço do pico pandêmico anterior e durou apenas duas ou três semanas, porque o nível de imunidade que nosso povo tinha com os efeitos da vacina já era alto.

Ignacio Ramonet: Era alto.

Miguel M. Díaz-Canel: Portanto, essas são outras lições aprendidas. O papel das ciências sociais, porque quando você enfrenta um problema como uma epidemia...

Ignacio Ramonet: A Covid-19, a mesma epidemia.

Miguel M. Díaz-Canel: Que não se pode ver apenas como um problema de saúde, há efeitos psicológicos, a sociedade se move de forma diferente, em outras condições, em condições de isolamento ou distanciamento físico, como se atende às pessoas com menos possibilidades, que são mais vulneráveis. Tudo isso levou a propostas.

Ignacio Ramonet: Há também a mortalidade, com tudo o que isso afeta.

Miguel M. Díaz-Canel: Tudo isso levou a análises e propostas das ciências sociais, que foram integradas a todo o sistema.

Informações honestas, claras, oportunas e sistemáticas. Todos os dias havia um espaço em nossa mídia onde até mesmo um de nossos mais brilhantes epidemiologistas se tornava um líder de opinião.

Ignacio Ramonet: Ele se tornou uma personalidade popular.

Miguel M. Díaz-Canel: Todos os dias ele explicava o que estava acontecendo, quantas mortes havia, quantas internações havia, como as taxas estavam aumentando ou diminuindo e como eram os comportamentos.

Ignacio Ramonet: Cuba demonstrou ou confirmou naquele momento que, apesar de todas as dificuldades de que falamos aqui, era uma potência no campo da saúde. Que anúncios o senhor poderia fazer à humanidade sobre as contribuições que os cientistas cubanos poderiam anunciar?

Miguel M. Díaz-Canel: No momento, com base no que aprendemos, o que propusemos? Elaboramos um compêndio de experiências e lições aprendidas e estamos elaborando um exercício, que vamos realizar em nível nacional, para incluir essas lições aprendidas em nosso sistema de saúde.

Em segundo lugar, o programa está sendo defendido, e já foi apresentado nessas mesmas reuniões que realizamos sistematicamente, com o conceito de saúde única, que vincula todos os aspectos de diagnóstico, tratamento de emergência e análise integral das doenças.

Entre as lições aprendidas, há coisas que confirmaram nossas ideias, por exemplo, o papel do atendimento primário, também concebido por Fidel com o conceito de Médico da família.

Ignacio Ramonet: Da vizinhança, da família.

Miguel M. Díaz-Canel: A Covid-19 confirmou a utilidade do atendimento primário, e agora estamos atualizando no atendimento primário os aprendizados da Covid-19.

Continuamos desenvolvendo a capacidade de diagnóstico. Além de usarmos os PCRs, na época da Covid-19, começamos a desenvolver com nossas instituições científicas nossos próprios mecanismos e técnicas de diagnóstico, que eles também apoiaram.

Continuamos e podemos compartilhar com o mundo os estudos sobre as consequências da Covid-19. A questão não era apenas combater a doença, não era apenas salvar vidas, era como garantir a qualidade de vida para aqueles que eram pacientes com a Covid-19, e há um grupo de pesquisadores.

Ignacio Ramonet: Aqueles que sobreviveram à doença.

Miguel M. Díaz-Canel: Mantivemos o desenvolvimento do sistema de ciência e inovação que aplicamos na Covid-19, e é por isso que realizamos reuniões semanais para analisar e atualizar determinados tópicos.

Gostaria de dizer que há avanços importantes, chegará o momento de anunciá-los, vamos aguardar os resultados clínicos; mas há avanços importantes no estudo de muitas doenças e, sobretudo, de soluções terapêuticas com medicamentos biotecnológicos e técnicas avançadas para doenças, para diferentes tipos de câncer. Estamos trabalhando – nossa população envelheceu - no Alzheimer, Parkinson, estudos sobre um grupo importante de doenças degenerativas, ou seja, há uma ampla gama de resultados científicos que, acredito, terão repercussões em nível nacional para continuar fortalecendo a qualidade da saúde cubana, mas também em nível internacional.

Neste momento, com as licenças concedidas pelo governo dos Estados Unidos como parte do endurecimento do bloqueio, estamos realizando dois importantes testes clínicos em parceria com instituições norte-americanas: Um deles é uma vacina contra o câncer de pulmão, que já testamos em Cuba, com resultados muito bons, e recentemente foi autorizado um teste clínico com o medicamento Heberprot-P, que é um medicamento que ajuda as pessoas que sofrem de diabetes, o tratamento de úlceras do pé diabético, em níveis impressionantes, como cura as úlceras do pé diabético e evita uma das coisas mais desagradáveis para uma pessoa, que é a amputação. Hoje, no mundo, uma amputação custa milhares de dólares em qualquer país e, além disso, há muitos pacientes com diabetes, muitos pacientes cuja solução para a progressão dessa doença é, infelizmente, a amputação. Esses também são resultados importantes.

Ignacio Ramonet: Acho que essas palavras vão ser muito comentadas, ou seja, vão dar muita esperança a muitas pessoas no mundo, e esperemos que a ciência cubana possa alcançar esses resultados, presidente.

Miguel M. Díaz-Canel: Que a ciência cubana possa desvendar esses mistérios. E também estamos trabalhando na pesquisa de uma vacina contra a dengue.

Ignacio Ramonet: Já existe uma vacina japonesa contra a dengue.

Miguel M. Díaz-Canel: Aqui estamos trabalhando em uma vacina, há cerca de quatro cepas, há várias cepas de dengue, que não funciona em apenas uma cepa, mas em todos os tipos de dengue que existem.

Ignacio Ramonet: Excelente!

Presidente, a última pergunta deste bloco sobre economia e tecnologia.

O senhor é um defensor do uso da tecnologia, e todos nós sabemos que a tecnologia, a inteligência artificial e a digitalização estão transformando nossas sociedades. O senhor tem se empenhado particularmente na informatização da sociedade cubana. Poderia nos dizer como esse projeto está progredindo e o que a informatização da sociedade está trazendo para os cidadãos cubanos?

Miguel M. Díaz-Canel: Definimos três prioridades para a gestão governamental, que são: primeiro, a informatização da sociedade, que agora avançamos no conceito e o mudamos para Transformação Digital da Sociedade, parece a mesma coisa, mas não é a mesma coisa, a questão não é apenas levar tudo para as plataformas digitais, mas ter um conceito de vida e uma maneira de agir de forma digital. Em outras palavras, defendemos a transformação digital como um pilar da gestão governamental, juntamente com a ciência e a inovação e a comunicação social. Esses são os três pilares do governo e estão intimamente relacionados.

Ignacio Ramonet: No setor financeiro, isso também é muito importante.

Miguel M. Díaz-Canel: Observe que um dos elementos que destaquei como experiência de aprendizado foi a comunicação social ou institucional que ocorreu com a Covid-19.

Portanto, eu diria que a transformação digital da sociedade é uma realidade. Temos 7,7 milhões de pessoas registradas com telefonia móvel e cerca de 8 milhões acessando a Internet, expandimos as redes móveis, embora ainda precisemos obter mais cobertura, o que também tem a ver com o fato de que é preciso investir em tecnologia e todos esses problemas, mas conseguimos manter um nível.

Ignacio Ramonet: Isso é caro.

Miguel M. Díaz-Canel: Hoje estamos acima da média mundial.

Houve um debate muito atual sobre as questões de transformação digital, inteligência artificial e economia digital. Como parte desse debate, há alguns anos, fundamos a União de Cientistas da Computação de Cuba, onde todas as pessoas e especialistas nessas questões se reúnem e onde também se promove muito debate, bem como meios para apoiar os processos de transformação digital. Nas próximas semanas, a atualização da Política de Transformação Digital do País, a Agenda Digital do

País e a Política de Uso da Inteligência Artificial serão apresentadas ao Conselho de Ministros, aqui com uma abordagem holística, ou seja, não vemos a inteligência artificial apenas pelos resultados que ela pode nos dar nos processos produtivos de serviços à população em termos de eficiência, mas também nos aspectos éticos e em todo um grupo de elementos que devem ser levados em conta em torno da inteligência artificial.

Estamos trazendo a transformação digital e também traremos a contribuição da inteligência artificial para as seguintes áreas: para a área do setor produtivo de bens e serviços, porque a transformação digital e a inteligência artificial podem nos ajudar muito a alcançar eficiência nos processos produtivos e de serviços, principalmente quando temos que enfrentar uma dinâmica demográfica em que o país está ficando cada vez mais velho, portanto, temos que tornar nossos processos produtivos e de serviços mais eficientes, para que com menos pessoas tenhamos mais produtividade para atender a maioria das pessoas, e é por isso que a automação, a informatização e a digitalização são ferramentas que dão um bom resultado.

A digitalização também foi aplicada à administração pública, pois um elemento importante no qual estamos desenvolvendo a transformação digital é o governo eletrônico, a interação dos cidadãos com todas as atividades do governo, o que também garante maiores espaços para a participação dos cidadãos na gestão do governo. Conseguimos, por exemplo, que todos os municípios do país, todas as províncias, todos os ministérios e a maioria das instituições tenham portais digitais ou plataformas da Web com os quais interagem com a população.

Nos últimos tempos, os projetos de lei que foram apresentados à Assembleia Nacional para aprovação foram colocados em plataformas digitais, os critérios da população foram reunidos com interação, e isso nos levou à Assembleia Nacional com modificações que fortalecem e aperfeiçoam esse processo de criação de regulamentos.

Em breve o tornaremos público, está pronto, os resultados finais estão sendo alcançados, vamos apresentar o Portal do Cidadão Cubano. Será uma plataforma onde os cidadãos cubanos poderão construir seu perfil e acessar uma infinidade de procedimentos muito importantes sem ter que passar por escritórios, sem papel, e isso facilitará muito suas vidas.

Na verdade, muitos desses procedimentos já estão nas plataformas de determinadas organizações e instituições, mas agora você terá a possibilidade de todos esses procedimentos em uma única plataforma com o seu perfil e, além disso, muitas informações para a população como parte disso; você pode pesquisar quaisquer dúvidas que possa ter sobre um processo, um procedimento, uma lei, um problema específico, você pode trabalhar neles, e será outro salto nisso.

Estamos apoiando todo esse processo de transformação digital e o uso da inteligência artificial com o desenvolvimento da segurança cibernética, para evitar ataques cibernéticos, para ter segurança em todas essas plataformas.

De uma forma muito criativa, e essas são coisas que nos impressionam constantemente, especialmente a atividade dos jovens, nosso país tem hoje todo um conjunto de aplicativos de computador, de aplicativos móveis desenvolvidos localmente por cubanos, que funcionam perfeitamente, temos até uma variante em nossa loja, que é um aplicativo chamado Apklis, onde você pode baixar aplicativos cubanos e aplicativos de outros lugares, mas eles estão lá, há vários aplicativos cubanos, muitos deles estão se tornando uma referência para a população.

Temos sistemas operacionais cubanos, temos projetos e produções que ainda são limitados devido aos problemas de financiamento, de equipamentos de informática cubanos, laptops, tablets, PCs.

Ignacio Ramonet: Há a robotização.

Miguel M. Díaz-Canel: Também temos experiências de robotização. Um exemplo disso é a Covid-19. Quando a Covid-19 queríamos expandir as salas de tratamento intensivo para evitar o colapso dos hospitais, toda vez que íamos a uma empresa para comprar ventiladores pulmonares, eles nos recusavam por causa das leis de bloqueio. Entregamos a tarefa a um grupo de jovens cientistas de uma de nossas instituições, e os protótipos foram feitos e hoje já são ventiladores pulmonares de alto

desempenho, com níveis de digitalização, eu lhes digo, brilhantes, excelentes. Seu uso e sua qualidade foram confirmados pelos melhores especialistas em tratamento intensivo e anestesia de nosso país, por pessoal médico altamente qualificado, e eu lhe digo que esse é outro dos orgulhos que se sente como cubano, que se exige algo de nosso pessoal científico, inclusive dos jovens, e que há respostas imediatas, mas respostas altas, ou seja, respostas que estão no nível de qualquer desenvolvimento internacional.

Ignacio Ramonet: O senhor está desenvolvendo seus próprios aplicativos para inteligência artificial?

Miguel M. Díaz-Canel: Sim, temos nossas próprias plataformas que estão sendo desenvolvidas, nossos próprios aplicativos, nossos próprios projetos para incorporá-los aos processos de produção e serviços.

Ignacio Ramonet: Vocês estão trabalhando em computação quântica?

Miguel M. Díaz-Canel: Também. É claro que fizemos a aquisição de computadores quânticos e isso passa por todos esses problemas, mas temos a preparação.

Ignacio Ramonet: Vocês têm os especialistas.

Miguel M. Díaz-Canel: Temos a preparação, temos especialistas treinados, há todo um nível de conhecimento, atualização e intercâmbio internacional.

Ignacio Ramonet: O senhor acha que seria possível trabalhar no âmbito da integração latino-americana nessas questões em particular?

Miguel M. Díaz-Canel: Acho que sim, foi uma das coisas que propusemos.

Agora, quando estávamos no aniversário da ALBA e na Cúpula da ALBA na Venezuela, foi levantada a necessidade de criar plataformas que integrassem a América Latina e o Caribe, os países da ALBA, em relação à questão da digitalização e da inteligência artificial.

Modestamente, dissemos que estávamos dispostos a cooperar com os desenvolvimentos que temos no país.

Ignacio Ramonet: Mesmo com unidades de ensino, certo, especialmente universidades especializadas?

Miguel M. Díaz-Canel: Unidades de ensino, treinamento, participação em projetos conjuntos; também disponibilizando nossos aplicativos para outros países. Essa é uma das coisas que já está surtindo efeito.

Iniciamos um processo de bancarização, ou seja, a digitalização do sistema bancário cubano, que tem a ver com essas coisas que estamos alcançando.

Ignacio Ramonet: Isso também ajuda financeiramente com o desaparecimento do dinheiro material, que precisa ser fabricado, transportado e comprado.

Miguel M. Díaz-Canel: Do dinheiro. Também temos muitas aplicações em sistemas de georreferenciamento de processos, geolocalização de processos; o trabalho de estimativa de safras por meio do uso dessas tecnologias.

Há um enorme apetite por conhecimento e desenvolvimento entre os jovens cientistas e profissionais cubanos.

Ignacio Ramonet: Senhor Presidente, vamos passar à terceira seção desta entrevista, que é sobre política internacional.

Durante anos, Cuba obteve uma grande vitória na Assembleia Geral das Nações Unidas contra o bloqueio ilegal dos Estados Unidos contra o seu país, mas é evidente que essa vitória não levou a resultados concretos, os Estados Unidos não cederam e não levantaram o bloqueio. Que novas iniciativas o senhor poderia anunciar para avançar no sentido de levantar o bloqueio? Pergunto-lhe, por exemplo, se já tentou falar diretamente com o presidente Biden?

Miguel M. Díaz-Canel: Ramonet, sua visão da questão é verdadeira, o que também exige algumas reflexões: como é possível que a principal potência do mundo, ou a potência mais poderosa do mundo, não receba nenhum apoio, um apoio mínimo, só do Estado de Israel; o resto dos países votam a favor de Cuba em relação à resolução cubana contra o bloqueio, que é apresentada ano após ano na Assembleia Geral das Nações Unidas, que no ano passado foi a 31ª ocasião em que o bloqueio foi condenado por maioria, e não há resposta? Isso só demonstra a arrogância do império e demonstra – algo que eu diria ser mais grave e com o qual todos deveriam ter aprendido uma lição – o desprezo pelas opiniões do resto do mundo. É um desprezo por nossos povos, quando o mundo inteiro vê como um fato vergonhoso que um pequeno país seja submetido a um bloqueio criminoso e genocida, como o bloqueio do governo dos Estados Unidos contra Cuba, e faz ouvidos moucos a essa exigência global.

E observe que essa demanda não é expressa apenas em uma votação nas Nações Unidas; está se tornando cada vez mais comum que mais e mais países, organizações de países, blocos regionais e instituições internacionais aprovem resoluções contra o bloqueio ou medidas condenando o bloqueio ano após ano. Cada vez mais líderes de países na Assembleia Geral das Nações Unidas estão se manifestando contra o bloqueio com seus nomes e sobrenomes. Por exemplo, na última Assembleia Geral da ONU, onde a questão do bloqueio foi debatida, 44 líderes de países de todo o mundo se manifestaram contra...

Ignacio Ramonet: Todos os tipos de ideologias.

Miguel M. Díaz-Canel: De todos os tipos de ideologias, eles se manifestaram contra o bloqueio, por exemplo, a União Africana, o Grupo dos 77, a Celac, a ALBA, todos eles são blocos regionais. Um grupo de instituições, inclusive instituições que fizeram recomendações ao Relatório do secretário-geral da ONU apoiando a posição de Cuba contra o bloqueio. E há cada vez mais eventos, eu diria que já diariamente, de atividades de protesto contra o bloqueio que estão ocorrendo dia após dia, semana após semana, fim de semana após fim de semana, em todo o mundo. Só no ano passado, registramos mais de 2.000 manifestações de apoio a Cuba nesse sentido, e nos meses que se passaram neste ano houve inúmeros momentos de apoio contra o bloqueio.

Fizemos saber, por meio de canais diretos e indiretos, à atual administração do Governo dos Estados Unidos que estamos dispostos a sentar-nos à mesa em igualdade de condições, sem imposições e sem condições, para falar sobre todos os temas que tenham a ver com o relacionamento entre Cuba e os Estados Unidos, todos os temas que queiram discutir, mas sem condições e em igualdade de condições. Porque, no final das contas, o bloqueio é, digamos, uma relação unilateral: Cuba não afetou os Estados Unidos, Cuba não tomou nenhuma medida contra o governo dos Estados Unidos; foi o governo dos Estados Unidos que impôs unilateralmente o bloqueio; portanto, é o governo dos Estados Unidos que

tem de remover unilateralmente o bloqueio. Não estamos pedindo nenhum favor, nem temos que fazer nenhum gesto para que o bloqueio seja suspenso; é simplesmente um direito do povo cubano. Um direito do povo cubano de poder se desenvolver em uma atmosfera de paz, de igualdade, sem medidas coercitivas, sem imposições, e estamos dispostos a isso, mas o governo dos Estados Unidos nunca respondeu a isso.

Ignacio Ramonet: Esta administração atual?

Miguel M. Díaz-Canel: Esta administração atual.

Estamos convencidos de que o atual governo não tem vontade de mudar a situação em relação a Cuba, sobretudo porque priorizou sua política em função dos interesses de uma minoria, que é a máfia cubano-norte-americana sediada na Flórida, e isso dificulta um relacionamento como o que queremos ter. Com diferenças ideológicas, que sempre teremos, mas um relacionamento civilizado entre vizinhos, onde poderia haver cooperação, intercâmbio econômico, comercial, científico, financeiro e cultural em todas as áreas da vida. Poderia ser um relacionamento normal, como o que os Estados Unidos têm com outro grupo de países que também não compartilham de suas posições.

Ignacio Ramonet: Países que também foram grandes adversários.

Miguel M. Díaz-Canel: Grandes adversários. Então, por que com Cuba esse assanhamento?

E levantamos a questão porque, além disso, fazemos a diferença, não temos nada contra o povo norte-americano, esse é um problema com o governo dos Estados Unidos.

Ignacio Ramonet: Como o senhor explica que o presidente Biden, que foi vice-presidente de Obama por dois mandatos e que Obama havia mudado a atmosfera, digamos, do relacionamento, e as relações foram reatadas, tenha essa posição?

Miguel M. Díaz-Canel: É inexplicável.

Obama começou a construir um relacionamento diferente.

Ignacio Ramonet: A esposa de Biden esteve em Cuba, ela teve uma relação muito boa de experiências, porque ela é professora, como isso pode ser explicado?

Miguel M. Díaz-Canel: Isso só pode ser explicado pelo fato de que nos Estados Unidos a questão não é partidária, um democrata age da mesma forma que um republicano. Há um complexo industrial militar, há outra estrutura de poder por trás dele, nas sombras, que determina as posições do governo dos EUA, que são as posições imperiais. E há essa situação de subordinação a um grupo de interesses, sobretudo por razões eleitorais, às posições da máfia cubano-norte-americana.

Ignacio Ramonet: E o senhor tem alguma esperança de que as próximas eleições essa situação vai mudar?

Miguel M. Díaz-Canel: Gostaria que ela mudasse e gostaria que pudéssemos ter o espaço para discutir todas as nossas posições, cara a cara, e que houvesse outro tipo de relacionamento e que o bloqueio

fosse levantado; mas minha convicção é que temos de superar o bloqueio por nós mesmos, com nossa capacidade, com nosso trabalho, com nosso talento, com nossa inteligência e com nossos esforços, e essa seria a melhor resposta a essa teimosia em manter esse bloqueio genocida por tantos anos contra nosso povo.

Ignacio Ramonet: Em particular, o que é surpreendente é que Biden manteve a lista de países que ajudam o terrorismo, que Trump adotou minutos antes de deixar a Casa Branca.

Miguel M. Díaz-Canel: Tudo, ele manteve tudo.

Mas, além disso, o governo Biden teve expressões e ações muito perversas contra Cuba. Eu lhe falei sobre os ventiladores pulmonares durante a Covid-19. Na Covid-19, nossa usina de produção de oxigênio medicinal foi afetada e, quando saímos para comprar oxigênio medicinal de países da região, onde poderíamos ter o produto necessário no país em menos tempo, o governo dos Estados Unidos pressionou as empresas que poderiam nos fornecer oxigênio medicinal para impedir que esse oxigênio chegasse a Cuba; essa é uma ação totalmente criminosa. Imagine que, em meio a uma pandemia, com enfermarias de tratamento intensivo, com pessoas com problemas respiratórios, essas pessoas não pudessem ser atendidas, estavam sendo condenadas à morte. Tivemos que fazer um esforço enorme, com a ajuda de outros países, para superar essa situação.

Isso é algo que não se esquece, Ramonet, foi uma ação tão perversa. A maneira como eles manipularam a situação da Covid-19 em Cuba, quando tinham uma situação mais complexa do que a nossa. Nós lidamos com a resposta à Covid-19 melhor do que o próprio governo dos EUA, que tem dinheiro e riqueza. Eles convocaram o SOS Cuba, toda a manipulação da mídia, todos os eventos de 11 de julho. Hoje, são tão cínicos que são capazes de afirmar que não chegaram a outro ponto no relacionamento com Cuba por causa do que aconteceu em 11 de julho. Isso é tamanho cinismo e tamanha mentira com a qual eles querem justificar sua posição perante o mundo.

Ignacio Ramonet: Especialmente o que o senhor diz sobre o oxigênio, eles afirmam que o bloqueio não se aplica a alimentos ou medicamentos, e isso obviamente mostra que isso também não é verdade.

Miguel M. Díaz-Canel: Sim, o bloqueio é aplicado a tudo.

Ignacio Ramonet: Pode haver alguma esperança nessa informação que temos, que está circulando no momento, e que é a de que o presidente Biden anunciará nas primárias quem será seu vice-presidente, que não será mais Kamala Harris, mas Michelle Obama. Você acha que se isso fosse verdade, se fosse confirmado, deixaria alguma esperança?

Miguel M. Díaz-Canel: Acho que hoje tudo é puramente especulativo, acho que hoje, na situação dos Estados Unidos, na situação interna do país, não é possível prever objetivamente de que lado o voto da população é favorável ou não, que, além disso, hoje é muito afetado pelos acontecimentos da economia interna dos Estados Unidos; questões muito domésticas, como a questão do aborto; questões internacionais, como a Palestina, a questão da guerra na Ucrânia. Em outras palavras, há todo um grupo de situações que estão na opinião do povo norte-americano, na vida do povo norte-americano, e não acho que hoje seja possível dizer exatamente de que lado o voto do povo norte-americano pode estar. Há muitas pessoas indecisas, há posições dentro dos próprios partidos para se isolar da posição. De qualquer forma, um anúncio feito por uma pessoa como Michelle Obama poderia ter uma leitura diferente.

Ignacio Ramonet: Senhor presidente, o senhor está voltando de Moscou, onde, além de participar da cerimônia de comemoração da Vitória sobre o Nazismo, também participou da posse do presidente Putin e discursou na sessão plenária do Conselho Econômico Supremo da Eurásia. O senhor está em busca de novas alianças econômicas? Cuba está contando com a adesão à plataforma BRICS de uma forma ou de outra?

Miguel M. Díaz-Canel: Essa foi uma viagem muito interessante, porque foi uma viagem de aniversários, eu diria, de certa forma, e de eventos interessantes e importantes. Em primeiro lugar, chegamos a Moscou no momento em que o presidente Putin estava na cerimônia de posse, não fomos convidados e não participamos, em outras palavras, foi uma cerimônia muito interna.

Ignacio Ramonet: Particular.

Miguel M. Díaz-Canel: Muito particular para o país, mas estávamos presentes nessa viagem à Rússia, a convite do presidente Putin.

Portanto, participamos do Conselho Supremo da União Econômica Eurasiática, pela primeira vez, pessoalmente, porque todas as outras participações que tivemos no Conselho Supremo foram nos anos da Covid-19 e fizemos isso virtualmente por meio das possibilidades de videoconferência. Portanto, não se trata de entrar em uma nova aliança, é uma aliança que temos há muito tempo. E quando o Conselho Supremo se reuniu, era o décimo aniversário da criação da União Econômica Eurasiática. Portanto, era também o momento de fazer um balanço dos resultados dessa integração regional, na qual temos o status de país observador. E era a mesma data em que se comemorava o 64º aniversário do estabelecimento das relações entre a União Soviética e Cuba, que são as relações que agora continuam com a Federação Russa, mas com um elemento importante: os países membros da União Eurasiática – e essa foi uma observação feita a mim por Lukashenko, o presidente da Bielorrússia – eram ex-repúblicas da União Soviética, então Lukashenko me disse: «Este aniversário é de todos, porque todos nós também fazíamos parte da União Soviética».

Ignacio Ramonet - Membros da União Soviética.

Miguel M. Díaz-Canel: Acredito que em dez anos a União Eurasiática demonstrou uma capacidade de dinamismo econômico e comercial significativa, e o Produto Interno Bruto desses países da região cresceu muito, e ela defende princípios muito justos em relação ao desenvolvimento econômico e à complementaridade entre esses países.

Para nós, é um espaço de oportunidades, pois podemos contribuir principalmente em áreas como a biotecnologia e a indústria farmacêutica, podemos aproveitar esse espaço para ter nossos medicamentos reconhecidos pelas agências reguladoras desses países e também entrar em um mercado mais acessível para nós, pois eles também têm intenções e necessidades para esses medicamentos e para a transferência de tecnologias e para a realização de investimentos conjuntos. Isso também abre espaço para que os investidores desses países participem de programas de desenvolvimento econômico e social em nosso país. E há também a questão da soberania alimentar para compartilhar com eles, que é um dos pontos de toda a União; a questão da sustentabilidade ambiental, ou seja, o desenvolvimento sustentável e o respeito ao meio ambiente e o desenvolvimento de uma cultura de sustentabilidade, que também é um princípio que levamos em conta em nosso desenvolvimento; a soberania alimentar e o desenvolvimento de fontes de energia renováveis. Portanto, esse é um espaço importante para nós. Acredito que o BRICS é uma das alternativas no mundo de hoje, um bloco de países que abre uma expectativa de ruptura com a hegemonia norte-americana nas relações internacionais. Portanto, os BRICS se tornaram um espaço alternativo e inclusivo; os BRICS estão abertos aos países do Sul.

Ignacio Ramonet: Eles acabaram de ser ampliados em 1º de janeiro passado.

Miguel M. Díaz-Canel: Os BRICS acabaram de se expandir, demonstraram disposição para estabelecer relações com o continente africano, com a América Latina e o Caribe; estão estabelecendo uma relação baseada em mais consenso, mais equidade, mais respeito. Por outro lado, os BRICS também estão propondo uma alternativa ao dólar e estão promovendo o comércio com as moedas próprias de cada país ou o comércio compensado com base no intercâmbio de produtos e serviços gerados por cada um dos países.

Ignacio Ramonet: Também têm um Banco de Desenvolvimento, presidido por Dilma Rousseff.

Miguel M. Díaz-Canel: Eles têm um Banco de Desenvolvimento presidido por Dilma, que é uma líder reconhecida com uma visão política dos problemas do Sul. E os cinco países que eles lideraram, fundadores do BRICS, são países que mantêm um excelente relacionamento com Cuba. Estamos estudando, estamos observando, e também estamos comentando agora, na reunião com o presidente Putin, que Cuba aspira a poder se unir aos BRICS.

Ignacio Ramonet: A próxima Cúpula será na Rússia, precisamente em outubro, em Kazan, o senhor pretende participar, presidente?

Miguel M. Díaz-Canel: Tudo depende agora do desenrolar dos acontecimentos.

Ignacio Ramonet: Parece que eles querem criar um novo tipo de membro, que seria um parceiro ou membro associado, e haveria espaço para Cuba.

Miguel M. Díaz-Canel: Haveria espaço para Cuba e isso também depende do consenso alcançado com os países que lideram os BRICS; mas, por exemplo, eles foram muito coerentes e permitiram que Cuba participasse da Cúpula da África do Sul, não apenas como país, mas também representando o Grupo dos 77 e a China, porque naquele momento éramos presidente pro tempore, e é preciso dizer que eles prestaram muita atenção às propostas do Grupo dos 77 e da China que Cuba apresentou em seu nome, e também à posição cubana. Acredito que este é um ambiente muito favorável para as relações Sul-Sul e que abre uma nova perspectiva para a Nova Ordem Econômica Internacional que é necessária.

Ignacio Ramonet: Senhor presidente, estamos chegando ao fim desta entrevista, a última pergunta é sobre a América Latina.

As crises se multiplicam na América Latina e no Caribe; houve aquele assalto à embaixada do México no Equador; o Comando Sul dos Estados Unidos está criando bases militares na Guiana, o que representa uma ameaça para a Venezuela e sua reivindicação histórica da região do Essequibo; na Argentina, o presidente Javier Milei está destruindo décadas de progresso social; no Haiti, as dificuldades não têm fim à vista. Qual é a sua leitura dessas situações? E o que Cuba pode contribuir para promover a soberania, a paz e o progresso nessa região?

Miguel M. Díaz-Canel: Essa é uma expressão de todas as contradições que existem em nível global e que também se manifestam, em nível regional, no caso da América Latina e do Caribe. Acho que também é uma expressão da persistência do império em manter a Doutrina Monroe, com esse conceito imperialista de América para os americanos, que não é a América Latina e o Caribe para todos nós que vivemos no continente; é a América Latina e o Caribe subordinados à América do Norte e ao poder do império. Portanto, isso também é uma expressão da visão norte-americana de desprezo por nossos povos e da visão norte-americana da América Latina e do Caribe como seu quintal.

Ora bem, uma América Latina e o Caribe que, por um lado, têm um grupo de governos que mantiveram processos revolucionários submetidos aos maiores reveses, pressões, sanções, insultos, agressões e interferências, como Cuba, Venezuela e Nicarágua: Cuba, Venezuela e Nicarágua.

Todo um grupo de governos progressistas que também proporcionam uma correlação favorável de forças de esquerda na região latino-americana, tais como: o Estado Plurinacional da Bolívia; Lula no Brasil; López Obrador; Xiomara em Honduras; Boric no Chile; Petro na Colômbia, que ajudam a criar estabilidade e facilidade de cooperação e intercâmbio. Mas os Estados Unidos não ficam parados com isso e estão constantemente tentando mobilizar forças de direita com mecanismos, eu diria, também muito sujos, para provocar instabilidade nesses países, para impedir que processos de esquerda ou governos de esquerda permaneçam no poder e para incentivar que, onde a esquerda perdeu o poder e a direita se instalou, a direita não perca o poder.

Ignacio Ramonet: Que se mantenha.

Miguel M. Díaz-Canel: E que essa direita é uma direita totalmente submissa ao governo dos Estados Unidos e aos desígnios dos Estados Unidos, e que também está provocando disputas em certas questões que têm um componente histórico; incentivando rupturas, difamando, alimentando divisões para provocar a desunião na região.

O que isso explica é que hoje existem alguns governos que facilitam toda a política dos Estados Unidos no continente, incluindo governos que favorecem a presença de tropas da OTAN no território da América Latina e do Caribe, governos que negam o direito à soberania e à autodeterminação de territórios de seu próprio país nos quais houve guerras e onde há heróis e mártires que morreram pela independência desses territórios, pela soberania desses territórios, e o que estão fazendo é bajular as potências que se tornaram a metrópole desses espaços geográficos que pertencem à região, em algo que se pode considerar totalmente absurdo, irracional e antipatriótico. Governos que, além disso, têm uma projeção na mídia onde expressam seus princípios, mas totalmente ofensivos e insultantes contra aqueles que pensam de forma diferente, contra aqueles que pensam em fazer as coisas de uma forma diferente ou contra aqueles que defendem outra forma de construir o mundo. Eu sempre aspiro e dedicaremos todos os nossos esforços a esse mundo melhor que é possível e para o qual Fidel nos chamou.

Quando temos que defender uma posição, nós a defendemos com firmeza e quando temos que discutir uma posição, nós a discutimos com firmeza; mas não somos dados ao espetáculo da mídia, aos insultos, às ofensas, a esse tipo de, eu diria, vulgaridade política a que outros no mundo se prestam.

Como posição de Cuba, sempre manteremos e defenderemos, com os países da América Latina e do Caribe, o respeito à soberania e à independência desses países; o respeito à sua autodeterminação sobre o sistema sociopolítico que adotam, e a disposição, independentemente de sistemas e ideologias, de manter as relações mais respeitadas, solidárias e cooperativas com qualquer um desses países, e temos o mesmo com a maioria deles.

Nunca rompemos relações com os países latino-americanos e tentamos resolver, por meio do diálogo, da discussão, da argumentação, qualquer questão sobre a qual possamos ter alguma diferença, sobre a qual possamos ter posições divergentes.

Acredito que as expressões de solidariedade de Cuba com a América Latina e o Caribe são eloquentes de sua coerência com essas convicções. Enviamos médicos e professores, colaboradores internacionalistas também em engenharia e em outros campos da economia e da sociedade para vários países da América Latina e do Caribe.

Não enviamos forças militares ou armadas ao Haiti, nem invadimos; temos brigadas médicas no Haiti. Hoje, em meio a essa situação no Haiti, quando muitos estão pensando em intervir no Haiti ou interferir nos assuntos internos do Haiti, temos uma brigada médica prestando serviços ao povo haitiano, um povo que, na minha opinião, merece o maior respeito por tudo o que sofreu por ter sido a primeira nação da região a desenvolver uma revolução.

Ignacio Ramonet: Que se tornou independente.

Miguel M. Díaz-Canel: Um povo digno, um povo que foi submetido a intervenções durante muito tempo; um povo que teve de pagar uma dívida por sua liberdade, o que é totalmente injusto. Em outras palavras, deve haver uma reparação para o Haiti, assim como deve haver uma reparação pela escravidão em relação aos povos do Caribe, que estão constantemente sujeitos à pressão do governo dos Estados Unidos para romper a unidade com o restante da América Latina e do Caribe.

Temos um relacionamento de gratidão, além de uma enorme amizade e fraternidade com o governo de López Obrador e com o México. O relacionamento entre Cuba e México é íntimo e histórico, é um relacionamento de irmãos, é um relacionamento familiar. O México foi o único país que não rompeu relações com Cuba quando o governo dos Estados Unidos pediu a toda a OEA que rompesse relações com Cuba.

Defendemos a causa da Venezuela, a revolução chavista, a unidade civil-militar e apoiamos o presidente Maduro, que eles até tentaram assassinar.

Ignacio Ramonet: Assassiná-lo várias vezes.

Miguel M. Díaz-Canel: Algo que é incomum.

Apoiamos a Revolução Sandinista; exigimos a autodeterminação de Porto Rico; defendemos os princípios do Estado Plurinacional da Bolívia. Estamos muito interessados no papel desempenhado por Xiomara em Honduras, e também em seu papel à frente da Celac; no momento, temos uma relação muito próxima com Lula.

Ignacio Ramonet: Com os países da Caricom.

Miguel M. Díaz-Canel: Com os países da Caricom, enfim, com toda a América Latina e o Caribe; mas sempre com base no respeito, na solidariedade, na amizade e no diálogo para resolver qualquer situação.

Por outro lado, pretendemos defender a Proclamação da América Latina e do Caribe como Zona de Paz, que foi aprovada, precisamente, em uma Cúpula da Celac, em Havana.

Também defendemos a integração da América Latina e do Caribe, que responde aos sonhos de nossos heróis, responde aos mais altos ideais da integração latino-americana, e estou pensando neste momento em José Martí e Simón Bolívar. José Martí, que sempre falou com tanto respeito de Nossa América e estava definindo muito bem o que era Nossa América; e Bolívar, que lutou pela independência de muitos países latino-americanos.

Acredito que liderar pelo exemplo é o maior apoio que podemos dar à unidade latino-americana.

Ignacio Ramonet: Isso Fidel sempre defendeu.

Miguel M. Díaz-Canel: Que Fidel sempre defendeu, ele nos ensinou a defendê-la, e Raúl também a defendeu.

Ramonet, quando falamos de sonhos, de aspirações, temos uma história tão comum, uma cultura tão comum, povos tão maravilhosos, trabalhadores, inteligentes e criativos. Eu lhe digo que as culturas pré-colombianas da América Latina não têm nada a invejar das culturas da Mesopotâmia ou da Grécia antiga. Essas foram as primeiras a serem conhecidas, mas quando você volta à história, vê que as nossas, em seu desenvolvimento, em como mediam o tempo, como canalizavam a água, como produziam, seu desenvolvimento, eram tão desenvolvidas quanto aquelas, e elas fazem parte de nossas raízes, e você pode vê-las em qualquer um dos países da América Latina e do Caribe.

Nossa riqueza cultural, o pensamento avançado na América Latina e no Caribe, as abordagens dos pensadores latino-americanos, dos filósofos latino-americanos, do setor acadêmico latino-americano, são posições avançadas, de muito estudo, de muita coerência, de muita defesa das raízes da identidade latino-americana e caribenha e, além disso, é um continente com recursos, que infelizmente hoje é onde se manifesta o maior grau de desigualdade entre seus povos.

Estou convencido de que, com todas essas virtudes, com toda essa riqueza – e é com isso que eu sonho ? o continente latino-americano poderia estar tão integrado que poderia ser um exemplo para o mundo inteiro do que pode contribuir para a condição humana, para o futuro, para os sonhos de emancipação, para colocar o ser humano no centro de tudo o que é feito para o mundo. Acredito que esse momento chegará, mais cedo ou mais tarde, porque nossos povos estão exigindo muita justiça, pois passaram por muitas situações complexas: sofreram agressões, sofreram desprezo, sofreram intervenções, sofreram práticas de desigualdade, foram excluídos de processos, foram excluídos de possibilidades.

Ainda há muito analfabetismo a ser resolvido na América Latina e no Caribe, ainda há muito progresso a ser feito em questões de gênero, muito a ser alcançado para a emancipação das maravilhosas mulheres latino-americanas e caribenhas, muito a ser conquistado em termos de igualdade para todos os nossos povos e em termos de justiça social.

Mas existe o potencial histórico, o potencial cultural.

Ignacio Ramonet: Existe o desejo.

Miguel M. Díaz-Canel: O desejo de fazê-lo, e acredito que continuaremos avançando na integração e que essa é a mensagem, a convicção, o apoio e o exemplo que Cuba pode dar.

Um país latino-americano nunca sentirá que Cuba é um perigo para ele; pelo contrário, em Cuba sempre encontrará apoio, compreensão e disposição para se integrar e avançar.

Ignacio Ramonet: Muito obrigado, senhor presidente, por sua atenção.

Miguel M. Díaz-Canel: Não, obrigado. Foi um prazer ter estado com o senhor.

Ignacio Ramonet: Obrigado.

Miguel M. Díaz-Canel: Da próxima vez, eu lhe perguntarei (risos e aplausos).



Radio Habana Cuba